

Relatoria

Oficinas: desafios e caminhos possíveis.

Eixo: ***Intersectorialidade***

Facilitadora: Carolina Leal – Analista de Políticas Sociais/DPSB/SNAS/MDSA

Apoio: Roberta Freitas Lemos - Secretária Executiva/MDSA

Reladoras:

Márcia Kayser - CRAS Blumenau/SC

Eleuza Rodrigues Paixão – Técnica da DPSE/SNAS/MDSA

Adriely Toledo – SISP – Técnica da SISP/MDSA

Os grupos das oficinas estavam bastante heterogêneos. Havia participantes de organizações da sociedade civil, técnicos de diversas secretarias do MDSA, representantes de gestões municipais e estaduais.

Para a provocação dos grupos, algumas perguntas norteadoras foram lançadas: no âmbito da articulação com outros órgãos, políticas, setores e instituições como vem sendo ***o fluxo local?*** ***Com quem se fala? Como se fala? Com quem não se fala? Por que não se fala?***

A partir disso, as organizações foram tecendo considerações a respeito da relação com os parceiros e das dificuldades também vividas para articulação das ações relacionadas à aprendizagem e em alguns casos, à socioaprendizagem.

Desde as falas do primeiro dia do evento, ficou expressa a diferença entre o que seria a Aprendizagem – prática já sedimentada no Brasil - e a Socioaprendizagem, que traz em seu bojo a importância de se pensar em como oportunizar ao público da assistência social, mais acesso e condições de inserção no mundo do trabalho.

Da metodologia: utilizamos estudos de caso, caracterizando o público com muitas das vulnerabilidades que nos chegam aos CRAS e CREAS. A ideia era favorecer o diálogo e provocar reflexões sobre as práticas atuais, e o quanto aproximam ou distanciam-se do esperado para entidades que se propõe a executar ações de assistência social. Nesse aspecto, houve fala assertiva sobre o fato de **organizações da sociedade civil que são destinadas ao atendimento socioassistencial não portarem-se como “agências de emprego”, favorecendo à compreensão de qual deve ser a relação de fato entre assistência social/OSC/empresas.**

No tocante às questões propostas, diversos foram os parceiros apresentados: Sistema S, controle social, empresas, ministério público, educação, universidades para apoio técnico, com a própria assistência social, **melhorando a comunicação entre as organizações e os CRAS**.

Embora tenha sido reconhecido que as estratégias de comunicação entre setores, políticas e instituições sejam ainda insuficientes e que muitas vezes não se mantêm, quando ocorrem são feitos através de fóruns locais – prática que deve ser estimulada.

Foram apontados aspectos relacionados ao perfil do público da assistência social e os desafios para encaminhamento, considerando-se os diversos estigmas que lhes são atribuídos. Papel das organizações, parceiros e do poder público na desconstrução desses estigmas e no fortalecimento dos vínculos com esses adolescentes e jovens, no intuito de promover encaminhamentos assertivos.

Foram feitas reflexões acerca da socioaprendizagem e do **papel** das organizações que são cadastradas e certificadas como **entidades socioassistenciais**: entidades de assistência que têm que transcender o papel de realização de encaminhamentos e se aprofundar em toda a “bagagem” trazida por esses adolescentes e jovens, cuidando sistemicamente de cada caso. O trabalho intersetorial pressupõe cuidar e conhecer toda a trajetória!

Uma das sugestões apresentadas para viabilizar e qualificar a atuação das organizações no âmbito da socioaprendizagem seria a elaboração coletiva de parâmetros (via orientações/documentos) para que o público da assistência social seja preparado para as oportunidades de inserção no mundo do trabalho.